



**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

CINTIA DA SILVA RIBEIRO

LARA EDUARDA SILVEIRA DOS SANTOS

MÃE SOLTEIRA NÃO. MÃE SOLO!

**GOIÂNIA
2023**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

MÃE SOLTEIRA NÃO. MÃE SOLO!

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Concluso do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontificia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz

**GOIÂNIA
2023**

CINTIA DA SILVA RIBEIRO
LARA EDUARDA SILVEIRA DOS SANTOS

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Concluso do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontificia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz

Data de defesa: 06 de dezembro de 2023.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Ma. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira.

Profa. Ma. Ana Paula Neres de S. Bandeira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e à minha fé, fontes constantes de inspiração. Aos meus queridos filhos, Maria Clara e Caio Luís, que são minha motivação diária para um mundo melhor, baseada na educação e resiliência diante dos desafios. A toda minha família, especialmente à minha avó, comadre, tia e mãe, agradeço por seu apoio constante. Também dedico esta pesquisa a todas as mães valentes solas, que, como eu, enfrentam as complexidades da vida com resiliência e determinação.

Cintia da Silva Ribeiro

Dedico esta pesquisa, em primeiro lugar, a Deus, que constantemente me concedeu forças e sabedoria para conduzi-la. Em memória da minha avó, que infelizmente faleceu, mas que sempre me apoiou e acreditou nos meus sonhos desde a infância. À minha mãe, meu pilar inabalável, sempre presente para fortalecer e acreditar em mim nos mais diversos momentos. Dedico também este trabalho a toda minha família e aos amigos que celebram as minhas conquistas.

Lara Eduarda Silveira dos Santos

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão a todos que desempenharam papéis essenciais na jornada do meu trabalho de conclusão de curso. Primeiramente, desejo agradecer a Deus, cuja fé e orientação me deram forças para superar os desafios de ser uma mãe solo, mãe de duas crianças e uma estudante dedicada. Sua graça sempre esteve presente, iluminando meu caminho. À minha amiga Lara Eduarda, que compartilhou comigo cada passo dessa trajetória, e abraçou comigo este projeto desde o início, agradeço pela sua colaboração e apoio inabalável. Juntas, provamos que a união faz a força e que, mesmo diante das maiores adversidades, podemos alcançar nossos objetivos. Minha orientadora, Eliani Covem, merece um agradecimento especial. Pois sua orientação, sabedoria e incentivo foram inestimáveis durante todo o processo de pesquisa. Sua paciência e compreensão, foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. Aos meus professores, que sempre foram compreensivos com as demandas da minha vida como mãe e estudante e trabalhadora, expressei minha gratidão. Suas empatias e apoios foram cruciais para minha jornada acadêmica.

Aos meus amigos de sala, que me acolheram e me ajudaram, mesmo diante da diferença de idade e classe social, quero dizer que amizade e suporte que vocês me deram, tornaram minha experiência na universidade mais rica e significativa. Suas camaradagens fizeram com que eu me sentisse parte de uma comunidade acadêmica unida. Aos meus amados filhos Maria Clara e Caio Luís, merecem o meu agradecimento final. Eles são minha maior inspiração e motivação, e cada conquista alcançada é também um presente para eles. A todos que fizeram parte desta jornada, minha sincera gratidão. Este trabalho representa não apenas minha dedicação, mas também o apoio que recebi ao longo do caminho de familiares, amigos e professores. Obrigada por tornar este sonho uma realidade.

Cintia da Silva Ribeiro

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem a fé nele, teria desistido. Agradeço também à minha mãe por ter me apoiado em todos os sentidos na produção deste documentário. À minha amiga de universidade e parceira nessa jornada, Cíntia Ribeiro, e à minha orientadora Eliani, cuja tranquilidade, conhecimento e apoio foram fundamentais para o meu processo. Agradeço, ainda, aos meus colegas de trabalho, cuja experiência e conhecimento me auxiliaram com conselhos e ajuda. E a mim mesma, por toda a dedicação, persistência e por enfrentar os problemas. Sem esses elementos, não teria sido possível concluir esta pesquisa final.

Lara Eduarda Silveira dos Santos

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

Albert Einstein)

“ A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.”

Albert Einstein

RESUMO:

Os documentários sobre questões sociais desempenham um papel crucial na sociedade ao informar, educar e sensibilizar o público sobre questões cívicas e sociais. O tema das mães solo foi escolhido para esta pesquisa por ser uma questão social significativa que merece destaque na mídia. Esses documentários não apenas oferecem visibilidade às histórias e desafios enfrentados por essas mulheres, mas também buscam conscientizar e sensibilizar o público em relação a essa realidade. O objetivo é provocar mudanças sociais, fomentar ações em prol da igualdade de gênero, políticas públicas mais inclusivas e um ambiente melhor para o desenvolvimento das crianças criadas por mães solo. O objetivo é gerar conscientização e promover apoio social e político para transformar atitudes e estruturas que muitas vezes limitam ou estigmatizam essas mulheres.

PALAVRA – CHAVE: Mãe solo, superação, dificuldades, mulheres.

ABSTRACT:

Documentaries on social issues play a crucial role in society by informing, educating, and sensitizing the public about civic and social concerns. The topic of single mothers was chosen for this research due to its significant social importance that deserves media attention. These documentaries not only provide visibility to the stories and challenges faced by these women but also aim to raise awareness and sensitize the public to this reality. The goal is to provoke social changes, foster actions towards gender equality, more inclusive public policies, and a better environment for the development of children raised by single mothers. The aim is to create awareness and promote social and political support to transform attitudes and structures that often limit or stigmatize these women.

KEYWORDS: Solo mother, overcoming, difficulties, women

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1. DOCUMENTÁRIO	11
1.1. Documentário - conceitos e teorias	12
1.2 Técnicas de Produção de documentário	13
1.3. História do documentário no Brasil	15
2 Mãe solo	21
2.1 História da mãe solo no Brasil	22
2.2. Preconceito e dificuldades da mãe solo no Brasil	26
2.3. Vivências e experiências das mães solo	30
CAPÍTULO II MEMORIAL	32
Cintia Silva Ribeiro	33
Lara Eduarda Silveira Dos Santos	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE I	42
APÊNDICE II.....	54

INTRODUÇÃO

A dinâmica familiar no Brasil tem passado por significativas transformações, refletindo a evolução dos papéis parentais e sociais. Entre essas mudanças, destaca-se o crescente fenômeno da maternidade solo, onde mulheres assumem por completo os papéis multifacetados na criação e educação de seus filhos, desvinculadas de uma parceria conjugal ou de suporte paterno presente. Para amplificar e disseminar os resultados desta pesquisa, a escolha do formato documental como meio de representação é motivada pela sua capacidade de ser uma forma de arte, de conhecimento e de representação autêntica da realidade. Os documentários desafiam nossas concepções, convidando-nos a repensar nossas percepções e compreensão da realidade (NICHOLS, 2010).

Nesse contexto, este estudo se propõe a analisar e compreender as adversidades vivenciadas por essas mães que desempenham um papel singular na criação de seus filhos.

A abordagem das adversidades que cercam a maternidade solo compreende um exame criterioso dos desafios socioeconômicos, incluindo a instabilidade financeira, a falta de suporte estrutural e a sobrecarga de responsabilidades. Além disso, é essencial compreender as complexidades emocionais associadas a essa realidade, como o estresse, a solidão e as pressões psicológicas provenientes da sobrecarga de tarefas. A influência cultural e o estigma social também desempenham um papel significativo na vida das mães que optam por essa jornada. O julgamento social, estereótipos e a falta de apoio muitas vezes exacerbam as dificuldades que essas mulheres enfrentam.

Neste filme Mãe Solteira não. Mãe solo, são explorados, por meio de falas e cenários, os aspectos mais comoventes desse tema, abordando histórias de vida, lutas e preconceitos com a participação de seis personagens. O objetivo é informar, educar ou conscientizar o público (PUCCINI, 2007).

Este documentário foi concebido com as características dos modos expositivo e reflexivo. O modo expositivo direciona-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva e recontam a história. No modo reflexivo, o cineasta constrói o documentário a partir da reflexão sobre a realidade (NICHOLS, 2010).

O primeiro capítulo aborda a história do documentário, suas técnicas, teorias, métodos, técnicas de produção e material audiovisual. Em seguida, é apresentado o tema da mãe solo, a desconstrução do termo "mãe solteira", a história da mãe solo no Brasil, os preconceitos e as dificuldades enfrentadas. Por fim, são apresentados trechos de entrevistas e depoimentos de mulheres que vivenciam essa realidade, transcritos do documentário.

Quanto à metodologia, houve meses de discussão do tema e busca por personagens que se encaixassem na história da mãe solo brasileira, visando evitar equívocos. Algumas entrevistas foram negadas devido à sensibilidade do tema e à recusa em expor a intimidade, mas isso não interferiu na realização do documentário.

As gravações foram feitas com três celulares: iPhone 7s, iPhone 8 e iPhone 11, captando áudios por meio de microfone lapela. A iluminação foi feita com Ring Light e tripé. As imagens foram registradas pelas autoras deste trabalho, com exceção das provenientes da internet. A montagem foi realizada por Daniel Bernardoni, técnico de laboratório de televisão da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e a edição dos vídeos foi feita por meio do aplicativo Youcut. A trilha sonora foi selecionada a partir de músicas que se encaixassem com o tema. Todo esse processo de criação resultou no filme documental final.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Documentário

O filme documentário é uma obra não ficcional, uma construção narrativa que utiliza diferentes estratégias para representar a realidade, como a observação direta, a entrevista, a reconstituição histórica. Nichols (2010) defende que o documentário é um produto da cultura que reflete a sociedade e a história em que foi produzido, e que pode ser utilizado como uma ferramenta de reflexão crítica sobre esses temas.

Penafria (1998) concorda com Nichols (2010) ao dizer que ao longo da história a função do documentário é de documentar a vida das pessoas e aos acontecimentos do mundo de diversas formas. De acordo com a autora, ao longo dos anos e dos avanços tecnológicos o documentário ganhou novas formas, e foi se expandindo, melhorando o som, e qualidade das imagens.

Na perspectiva de Da- Rin (2004), não tem como definir o conceito objetivo do que seria o documentário, para ele definir o que é documentário é perda de tempo é apenas um conceito perdido, para o autor os documentários apresentam grandes diversidades seja na temática, estilística, técnica ou metodologia dificultando sobremaneira a formulação de modelos e categorização.

Nichols (2010) dialoga com Da- Rin (2004) ao dizer que a definição de documentário não é algo fácil para ser definido, o autor compara ao significado da palavra amor e cultura. Seu significado não pode ser reduzido a um verbete de dicionário, como “temperatura” ou “sal de cozinha” (NICHOLS, 2010).

1.1. Documentário - conceitos e teorias

Documentar com uma câmera foi o primeiro ato cinematográfico realizado pelos irmãos Lumière. Em 1895 foram registradas as primeiras “vistas animadas”, mostras ao público no Café Paris. Eram cenas do cotidiano, ou seja, documentais da realidade. Portanto, surge a linguagem cinematográfica com aspecto documental. Os irmãos Lumière utilizavam

uma câmera pesada a qual não permitia nenhum tipo de movimento, seus primeiros registros foram a saída de funcionários deixando seus campos de trabalho criando o filme *A saída da fábrica*, outros filmes foram criados de forma semelhante: A chegada do trem na estação, O almoço do bebê (1985), O desembarque para o congresso de fotografia de Lyon (1895) (NICHOLS,2010).

De acordo com Ramos (2008, 2), “o documentário é visto como um campo tradicional, com regras a serem seguidas, extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade”.

No documentário realizaríamos asserções sobre aspectos diversos do mundo que nos cerca. Uma asserção é um enunciado que traz um saber, na forma de uma afirmação, sobre o universo que designa. "Cabra Marcado Para Morrer", por exemplo, contém as secções, proposições na forma das afirmações, (seja como entrevista/depoimento ou em voz over), sobre a vida de uma família que teve seu destino desviado pela instauração do regime militar no Brasil (RAMOS, 2008, p. 28).

Nichols (2010) afirma que os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico, que falam desse mundo tanto por meio de sons como de imagens. Segundo o autor a voz do documentário defende uma causa, pode apresentar um argumento e transmitir um ponto de vista. “Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz” (NICHOLS, 2010, p.72).

Penafria (2001) dialogando com Nichols (2010), considera que um documentário pouco se afasta dos procedimentos de produção dos filmes de ficção. No entanto, “é consensual que o documentário não recorre à "direção de atores", própria dos filmes de ficção. A natureza da relação que um realizador de ficção estabelece com os atores é diferente da natureza da relação que um documentarista estabelece com os "atores" do seu filme” (PENAFRIA, 2001, p.1).

Segundo a autora, um realizador de filmes de ficção dirige os atores, ele que constrói os personagens que eles interpretam. É ele que decide como devem expressar-se. Já no documentário o documentarista não constrói personagens pautando por uma estrutura dramática e narrativa. A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da ação, tempo da ação e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico.

Essa definição conceitual da cineasta vai de encontro com a ideia de Da-Rin (2004) , sobre a relação documentário X ficção resolver-se em termos simples: o documentarista

deveria filmar “ a cena viva e a história viva” e não a história imaginada e encenada por atores profissionais. Os roteiristas de ficção costumam basear-se em enredos para armar o arcabouço de suas tramas - totalmente imaginárias ou parcialmente baseadas em fatos, pouco importa.

Quanto à organização da história no plano do filme, tratava-se de aplicar “criativamente” as convenções da “cinematográfica”. E não havia outras, já que “num movimento único o cinema tornou-se narrativo e conquistou alguns tributos de uma linguagem. No caso da ficção, o diálogo entre os autores em discurso direto veio afinal possibilitar o coroamento de um antigo projeto de imitação de vida. Já no caso de documentário, o som veio para possibilitar a substituição dos letreiros pelo comentário em voz off endereçado diretamente ao espectador (DA-RIN, 2004, p.131).

Nichols (2010) propõe que existem seis modos ou tipos de documentário. Cada modo é definido pela forma como o documentário se relaciona com a realidade e com o espectador. Os seis modos são: poético, expositivo, observacional, participativo, performático e reflexivo.

O Filme *A mãe Solo* foi elaborado com as características do modo expositivo e reflexivo. O modo expositivo, dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. Os filmes desse modo adotam o comentário com voz over. No modo reflexivo, o cineasta constrói o documentário a partir da reflexão da realidade pode incluir reflexões pessoais do realizador sobre o tema, ou explorar as limitações da representação documental (NICHOLS, 2010).

Como produzir um filme documentário seguindo estes princípios da arte cinematográfica? Tema que será tratado no próximo item.

1.2. Técnicas de Produção de documentário

A forma de produzir o filme documentário passou por diversas transformações ao longo dos anos. A invenção de uma nova escrita dramática, o roteiro de cinema, é consequência da consolidação da atividade cinematográfica como uma atividade industrial, ocorrida nas primeiras décadas. O aumento da metragem dos filmes, e o crescente domínio de novas técnicas fez com que a indústria adotasse um modelo voltado para esse meio. (PUCCINI, 2007).

De acordo com Puccini (2007) por muito tempo o documentário se guiou pelo modelo de produção do filme de ficção (apoiado em roteiro) um período em que predominou um estilo que ficou conhecido por documentário clássico, que dominou o gênero nas décadas de 1920 à 1950.

O filme do produtor John Grierson (*Night mail – 1936*) foi realizado com uma construção dos planos de filmagem, articulados em função da montagem, cuidados só possíveis com um detalhado roteiro cinematográfico.

A ruptura mais significativa com um modelo de produção apoiado em roteiro ocorre no fim da década de 1950 com o documentário direto americano, feito pelo produtor Robert Drew, e o documentário verdade que tem na figura do francês Jean Rouch seu melhor representante. Nesse momento, as peculiaridades técnicas da câmera 16mm e, principalmente, do magneto fone, gravador que propicia o registro do som em fita magnética feito em sincronia com a imagem, instauram uma busca pelo registro de um real em estado bruto possível graças a um processo de filmagem espontâneo sem todas as formalidades e parafernálias exigidas por uma produção cinematográfica de grande porte (PUCCINI, 2007, p.19).

De acordo com o autor, as etapas do documentário são: planejamento, pesquisa, produção, gravação, decupagem, roteiro e montagem. Segundo o autor o planejamento de um documentário é o processo de determinar o que será abordado no filme, como será apresentado e como será estruturado. Isso envolve a definição do tema ou assunto do documentário, pesquisa para obter informações relevantes e precisas, a escolha das pessoas a serem entrevistadas, a seleção de locais para filmagem e a definição de um cronograma para a produção do filme.

A segunda etapa de um documentário é a pesquisa, teoricamente uma pesquisa bem elaborada é o segundo passo para um entendimento apropriado das situações que serão evidenciadas dentro do documentário. Para Puccini (2007), essa etapa do documentário deve aprofundar no tema abordado, pesquisar as histórias por trás, resgatar os conceitos anteriores. Também é feita a pesquisa de campo, definindo os locais de gravação e cuidados com os ambientes sonoros. É crucial fazer uma boa escolha de personagens, além de uma leitura bem ampla do tema proposto.

A segunda etapa de pesquisa, que se inicia após a aprovação da proposta de filmagem, deverá ser guiada pela seleção estabelecida na primeira etapa de pesquisa que serviu para definir as principais hipóteses para o documentário. O que conduz sua pesquisa é sua hipótese de trabalho. Dentro dos limites de seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante (ROSENTHAL, 1998, p.84).

O autor lista quatro fontes de pesquisa:

1. Material impresso
2. Material de arquivo (filmes, fotos, arquivos de som)
3. Entrevistas
- 4- Pesquisa de campo nas locações de filmagem.

De acordo com Puccini (2007) a produção de um documentário é o processo de criação de um filme que apresenta fatos e informações sobre um tema específico, geralmente com o objetivo de informar, educar ou conscientizar o público. Esse processo pode ser dividido em várias etapas, desde o planejamento até a finalização do filme.

A pré-produção acontece nos “bastidores” de um filme ou vídeo. Ela antecede a gravação e é importante para alinhar todas as equipes que participam do projeto (dependendo do porte da produção, até centenas de profissionais podem estar envolvidos). Nessa etapa é feito o levantamento dos equipamentos e materiais necessários, o local de gravação, o roteiro, organização das diárias de gravação e a documentação. Uma boa preparação na pré-produção pode economizar muita “dor de cabeça” no processo de filmagem. (PUCCINI, 2007, p.75).

Passadas essas três etapas o documentarista deve realizar a gravação. Durante a gravação de um documentário, é importante considerar a qualidade do som e da imagem, além de outros fatores, como a iluminação e o a enquadramento. (PUCCINI, 2007).

Para mim, trabalhar com documentário implica no comprometimento de querer mudar o mundo para melhor. Isso fala tudo. "O documentário é algo importante no diálogo cívico, na conversa nacional. Uma das funções do documentário está em munir o público americano de uma base de conversa, de um entendimento básico e preciso sobre o que versam as questões e os fatos básicos (BERNARD, 2008, p.37).

Depois de realizar todas as gravações de imagens e entrevistas é necessário fazer a decupagem do material captado e redigir um roteiro final, que será o guia para a montagem. Na montagem são acrescentados os últimos detalhes. A inclusão de trilha sonora, do nome do documentário e os créditos de cada pessoa e os créditos finais fazem parte desta etapa. Finalmente o filme está concluído para exibição ao público.

Puccini (2007), dialogando com Nichols (2010), diz que o documentário é uma forma de representação da realidade que implica uma responsabilidade ética do documentarista. Ele argumenta que o documentário não é apenas uma forma de entretenimento, mas também uma forma de construção de significado e de compreensão do mundo. Enfatiza a importância da honestidade e da transparência no processo de produção do documentário. Ele defende que o documentarista deve ser transparente sobre seus métodos e objetivos, e deve respeitar os direitos e a dignidade dos sujeitos retratados.

1.3. História do documentário no Brasil

O cinema chegou ao Brasil no ano de 1896, com exibições no Rio de Janeiro, depois São Paulo, seguindo para outras cidades posteriormente. A novidade integrava espetáculos de

teatro de variedades e dos cafés-concertos. A primeira sala de exibição encontrava-se no Rio de Janeiro e tinha como principal dono o imigrante italiano chamado Pascoal Segreto. A exibição de imagens em movimentos fazia muito sucesso e em busca de renovar o repertório e qualificar tecnicamente as salas exibidoras, realizava constantes viagens para Paris ou até mesmo Nova Iorque. Em uma dessas viagens, o irmão de Pascoal, Afonso Segreto, realizou a primeira imagem do cinema brasileiro, filmando a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro. (GONÇALVES, 2006).

Segundo Gonçalves (2006), as tomadas documentais eram conhecidas como “tomada de vista” e prevaleceram até o ano de 1908. Essas pequenas produções eram realizadas por todo o país com temáticas regionalistas, mostrando belezas, costumes e tradições das diferentes regiões. A maioria das pessoas realizadoras dessas imagens no início do século XX era estrangeiros, fotógrafos que viraram cinegrafistas. As más condições de infraestrutura nas cidades brasileiras, durante as décadas de 1910 e 1920, levaram à produção de um cinema natural, tinha como finalidade a produção de documentários e cine-jornais a fim de levantar dinheiro para produzir filme ficcionais. As câmeras cinematográficas foram incorporadas ao material de trabalho dos antropólogos pois documentavam as populações indígenas.

O cinema de propaganda também se mostrou eficaz, mostrando as belezas naturais brasileiras para o público estrangeiro. Nessa fase destacava-se a produção de Silvino Santos no Estado do Amazonas, fase da exportação de borracha para o exterior. “Foram realizados também os clássicos do período mudo, o filme São Paulo, a Sinfonia da Metrópole, longa – metragem dirigido, em 1929, por Rudolf Rex Lustig e Adalberto Kemeny retratando um dia na cidade de São Paulo e sua urbanização, inspirado no filme Berlim, Sinfonia de uma Metrópole de 1927, de Walther Ruttmann. Em 1936 foi lançado o média-metragem Lampião, dirigido pelo fotografo Benjamin Abrahão, marcando o gênero cangaço com temáticas nordestinas” (GONÇALVES, 2006, p.81.)

Em 1936, o governo federal criou o Instituto Nacional do Cinema Educativo, conhecido como INCE, inspirado em experiências semelhantes surgidas no mesmo período em países como Alemanha, Itália, França e URSS. Fruto do esforço do antropólogo Edgar Roquette-Pinto, que teve papel fundamental também na iniciação do rádio no Brasil. O Instituto pretendia mostrar uma imagem positivista do Brasil. Por 30 anos, a direção do INCE ficou a cargo do cineasta Humberto Mauro, com uma história importante no cinema ficcional

na cidade de Cataguases/MG, sendo referência para um cinema essencialmente brasileiro (GONÇALVES, 2006).

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) também usou o cinema para controle da população, mas com uma propaganda ainda mais direta do regime. Na segunda fase, com o fim do Estado Novo, essa ambição cedeu lugar a filmes que buscavam o resgate do Brasil Rural, melodioso. O Brasil essencial era figurado no campo, na terra, lugar das origens (RODRIGUES, 2010).

Gonçalves (2006) afirma que na década de 1960 surgiu a temática que buscava refletir sobre o subdesenvolvimento do país e a desigualdade social, com alguns filmes que anteciparam estéticas caras à formação do movimento do cinema novo. Em 1959, dirigido por César Saraceni foi lançado o pioneiro *Arraial do Cabo*. No ano seguinte Linduarte Noronha dirigiu *Aruanda*, o marco do cinema documental brasileiro. A nova perspectiva de documentar trouxe uma nova identidade para o meio de produção dos documentários brasileiros, os novos documentários denunciavam a desigualdade socioeconômicas no país.

A proposta do documentário que surgiu com o cinema novo era assumir uma postura crítica diante da realidade brasileira, mas, acima de tudo estava a questão da ética. A postura do cineasta diante do seu público se transformava. Antes o documentário era produzido com a finalidade de registrar “ilusão” de realidade e difundir aquele material filmado com uma ideia fechada, sem possibilidade de interpretações onde a própria narrativa direciona o espectador para uma recepção passiva, simplificando a complexidade do real (ALTAFINI, 1999 p. 12).

Em 1962, o documentarista Sueco Arne Suckdorff, produzindo filmes documentários desde o início da década de 1940, veio ao Brasil para um seminário de cinema. Os cineastas Eduardo Scorel, Arnaldo Jabour, Luiz Carlos entre outros, puderam ter a oportunidade de participar do curso, no Rio de Janeiro, com isso houve o primeiro contato com equipamento completo de câmera 35mm, gravador Nagra e mesa de montagem, parafernália portátil inexistente no Brasil, foram fatores que juntos desencadearam o desenvolvimento pleno do cinema novo (RODRIGUES, 2010).

De acordo com Rodrigues (2010), grande parte dos cineastas cinemanovistas começou com o documentário de curta-metragem. Alguns desses filmes nasceram dentro das próprias universidades, produzidos pelo CPC (Centro Popular de Cultura) entidade vinculada ao movimento Estudantil da UNE, que vivia uma época de liderança nos movimentos populares. Destaque para o longa-metragem *Cinco vezes favela* (1962), filme de cinco episódios por Marcos Farias, Miguel Borges, Carlos Diegues, Leon Hirszman e Joaquim Pedro de Andrade,

que retratou os contrastes sociais por meio dos cotidianos nas favelas. *Cabra Marcado para morrer*, (1984) de Eduardo Coutinho foi paralisado devido à ditadura militar.

Cabra Marcado para Morrer (1984) de Eduardo Coutinho, retomou seu projeto original, iniciado em 1964. Ainda que houvesse diminuição das preocupações experimentais de desmontagem dos mecanismos da linguagem fílmica, cada documentário permaneceu como uma visão pessoal em relação ao mundo. O cineasta não temia tomar uma posição do objeto documentado (RODRIGUES, 2006, p. 10).

Eduardo Coutinho foi um dos mais importantes documentaristas do cinema brasileiro dirigindo mais de 20 longas, médias e curta metragens, além de uma breve experiência em ficção, Coutinho desenvolveu uma maneira de fazer documentários criando uma poética específica, atuou como cineasta entre 1960 até 2014, produzindo muitos documentários como *Babilônia*, *Santo Forte*, entre outros. (BEZERRA, 2014).

Segundo Rodrigues (2010), no final da década de 1970, percebe-se claramente a permanência de uma influência social que marcou a cinematografia brasileira, os documentários aprofundaram-se na histórica política do país, tinha uma grande quantidade de temas relacionados a ditadura, os desafios da transição política em Céu aberto, de João Batista de Andrade, Uma Avenida Chamada Brasil (1988), de Octávio Bezerra, a Greve (1979), de João Batista de Andrade, Terra para Rose (1987), de Tetê Moraes, entre outros.

Durante a década de 1970 e início da década de 1980, a realização de documentário no Brasil se desenvolveu na direção de relatar o renascimento dos movimentos populares em seus vários aspectos, refletindo assim a abertura política pelo qual o país estava atravessando, destacando vários cineastas como João Batista de Andrade, Renato Tapajós, Aloisio Raulino, Roberto Gervitz, Sérgio Segall, Suzana Amaral, entre outros. Os filmes eram sobre movimentos estudantis, organizações estudantis, movimentos sindicais operários e temas ligados habitação e saúde. (ALTAFINI, 1999).

Segundo Altafini (1999) a década de 1990 foi marcada como o ponto final entre a dualidade mundial capitalismo x socialismo. Os ideais de transformações da sociedade foram substituídos pelo neoliberalismo globalizado, influenciando na linguagem cinematográfica documental na atualidade. Todo o cinema brasileiro foi atingido pelas medidas do governo Fernando Collor, que extinguiu a Embrafilme e destruiu qualquer possibilidade de sobrevivência para a produção nacional.

A produção documental brasileira permaneceu graças a possibilidade da gravação em vídeo e exibição em alguns restritos canais de Tv educativos. A chegada da TV a cabo no Brasil coincide com algumas leis de incentivo a cultura e a produção

audiovisual por parte do governo com a Lei Rouanet (8.313) e a Lei do Audiovisual (8.685) (ALTAFINI, 1999, p.23).

Como referência da produção na década de 1990, os filmes documentários retomaram temas relacionados com povo brasileiro, os costumes, contradições e cultura, como *Futebol* (1998); de João Moreira Salles, série de programa para o Canal GNT que se transformou em um filme de uma hora e meio registrando o mundo do futebol, por meio das trajetórias de jogadores, desde o estrelato até a aposentadoria. Também foi lançado o documentário: *Notícia de uma Guerra Particular* (1999); de João Moreira Sales e Kátia Lund, baseado em entrevistas com personagens envolvidos na rotina do tráfico, o filme contrapõe as falas de criminosos, policiais e moradores do morro Dona Marta, Rio de Janeiro. Outra série representativa: *O nome da Rosa* (1998), dirigidos por Pedro Bial, e Cláudio Rodrigues tratando da vida e obra do escritor Guimarães Rosa (ALTAFINI, 1999).

Segundo Altafini (1999) outros filmes em séries destinados à televisão surgiram como *Três Chapadas e um Balão* (1998), de Mauricio Dias, exibido pela Tv Cultura e o filme *O cineasta Da Selva* (1997) de Aurélio Michilis, que conta a história de Silvino Santos, pioneiro do documentarista na Amazônia. Não só filmes feitos para a TV estão encontrando seus espaços, documentários realizados com objetivo de serem exibidos no cinema eram bem-sucedidos. O público dos festivais e mostras de documentários está em constante crescimento como é o caso do sucesso Festival Internacional de documentário em São Paulo “É tudo verdade”.

O avanço da tecnologia, aliado ao barateamento dos equipamentos, levou a um aumento significativo de documentários feitos por profissionais ligados a poéticas eletrônicas e digitais, com trabalhos experimentais em curta duração, que começaram a se aventurar em longas-metragens, buscando uma relação mais sensorial com a realidade, indicando novos caminhos ao documentário em obras como *Do outro Lado do Rio* (2004), de Lucas Bambozzi e *Alma de Osso* (2004), de Cao Guimarães. A diminuição no tamanho de equipamentos digitais, a facilidade no transporte e conseqüente diminuição das equipes, têm proporcionado o surgimento de obras construídas em primeira pessoa. (GONÇALVES, 2006).

Entre o período de 2000 e 2010 alguns documentários marcaram época, como: *Ônibus 174* (2002), de Jose Padilha e Felipe Lacerda; *Edifício Master* (2002), de Eduardo Coutinho; *O Prisioneiro na Grade de ferro* (2003), de Paulo Sacramento; *Rua de Mão dupla* (2004), de Cão Guimarães; *Jogo De Cena* (2007), de Eduardo Coutinho e *Doméstica* (2012), de Gabriel

Mascaro. Ainda, *O Mercado de Notícias*, de Jorge Furtado (2014). Algumas produções ganharam destaque, como *Pelé Eterno* (2003), de Aníbal Massaini, campeã de bilheteria, que conta a trajetória do rei do futebol. Em 2006 foi lançado o documentário *Nós que Aqui Estamos por Vós esperamos*, de Marcelo Masagão, retratando uma verdadeira volta ao mundo no seu contexto histórico, econômico e cultural. Banaliza a vida e a morte para levar a refletir sobre ela, com fragmentos de imagens trágicas do século 1920.

O documentário *Democracia em Vertigem* (2019) de Petra Costa, foi indicado ao Oscar em 2020, produzido pela Netflix. O longa metragem narra o processo de crise política vivida durante o período final do governo do PT e o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Com um olhar pessoal, Petra narra a sua visão sobre o momento delicado que o Brasil vivia e registrava a polarização de esquerda e direita.

Em 2020, outros documentários foram lançados, como: *O Nome de Deus* (2020), dirigido por Monica Almeida, Gian Carlo Bellotti e Ricardo Calil. O filme traz depoimentos de mulheres abusadas e assediadas pelo médium João de Deus. O filme *Mariele – O documentário* retrata a história da vereadora assassinada, mostra quem foi a política e ativista a partir de imagens de arquivo e entrevista com pessoas envolvidas no caso. Até o momento os mandantes do crime não foram identificados.

O filme documentário *Cercados* (2020), dirigido por Caio Cavichini, original do Globoplay, retrata os bastidores do jornalismo durante os meses de Pandemia da Covid – 19 no país. O documentário mostra a luta diária dos jornalistas na realização de seu trabalho, combatendo as fake News, e todo o negacionismo. Ainda sobre a pandemia também foi lançado em 09 de março de 2023 o documentário *Quando falta o ar*, da diretora Helena Lemos Petta, mostrando a luta diária de trabalhadores do sistema público de saúde brasileiro, abordando a pandemia, com entrevistas com médicos, enfermeiros e agentes comunitários de saúde (REDAÇÃO CULTURA CARTA CAMPINAS).

O documentário do diretor Eduardo Escorel *1968, um ano na vida*, é baseado em diários e uma carta escrita pela irmã do cineasta, Sílvia Escorel, para reconstituir o ano que não terminou. O filme mostra momentos históricos de 1968, por meio do olhar de Sílvia sobre o contexto da época (SALES, 2023; AMADO, 2023).

O filme Documentário *Mulheres da Floresta*, lançada pela TV Cultura em 2023, homenageia mulheres que sustentam as atuais e futuras gerações da Amazônia. Entre as histórias contadas estão de Txai Suruí, a estudante que chamou a atenção do mundo ao

discursar na Cop 26. Com direção de Laís Duarte, a exibição conta a história de mulheres de todos os estados da Amazônia; Daniela Silva, Mayalu Txucarramãe, a neta de Raoni. Sônia Guajajara, Juma Xipaia, Maria Apurinã, Ivaneide Bandeira, Thelma Taurepang, Natalha Teófilo, Maria Francineide, Maria Miguel, entre tantas outras, indígenas, professoras, estudantes, lideranças ambientalistas, elas lutam contra a instalação da Usina de Belo Monte. O documentário aborda também a biodiversidade da região (REDAÇÃO CULTURA UOL).

Documentário *Vento Agreste*, sobre usinas eólicas em Pernambuco, o filme retrata a vida dos moradores das comunidades que perderam seus mundos com a chegada das usinas eólicas. O documentário denuncia como essas usinas, que aparentam ser benéficas devido a sua característica sustentável, na verdade, podem agir como instrumentos de violência contra as famílias que vivem nessas comunidades. O filme mostra como as vidas de famílias foram afetadas por esta indústria de energia, causando, problemas estruturais, como rachaduras em algumas casas, e problemas de saúde como depressão, síndrome do pânico e doenças de pele. Além disso, animais também passaram a adoecer. O material foi desenvolvido por meio de um projeto da Comissão Pastoral da Terra, da Residência em Saúde Coletiva e Agroecologia da UPE e do Instituto Mãe Terra, com apoio do Fundo Casa Socioambiental.

2. Mãe Solo

O termo mãe-solteira foi utilizado historicamente para identificar as mulheres que criam seus filhos sozinhas. A expressão correta e que tem se popularizado é "Mãe Solo" como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa do termo relacionado ao estado civil. Por longo tempo o termo mãe solteira foi tratado de forma preconceituosa, sobre a visão do controle social nas sociedades patriarcais na qual a maternidade se apresentava como elemento de subjetividade da mulher em relação ao homem, mudando a forma de se referir a essas mulheres, eliminando o preconceito contra as mães que não têm qualquer relação com o pai dos seus filhos, ou com as mães que se separam (TOMAZ, 2015).

Borges (2020), concorda com Tomaz (2015), ao dizer que nota-se preconceitos em relação a mães solo, com frequência denominados por muitos como mães solteiras, como se a maternidade fosse e estivesse relacionada ao seu estado civil. O termo mãe solteira possui um resquício machista da sociedade patriarcal presente no século XX, período em que as mulheres estavam submetidas a vontade dos maridos.

Para Borges (2020), expressões "romantizadas" atribuídas às mães solo como "mãe guerreira" e "pãe"- está última que acumula a função de "pai" e "mãe", revela a sobrecarga feminina que as mulheres enfrentam e a ausência do pai.

Segundo Mesquita (2022), entende-se o conceito de "mãe solo" como a não participação do homem em relação a responsabilidade afetiva ou financeira com o filho. Dentre os vários formatos existentes de família, há um aumento significativo de família compostas somente por mães e filhos. De acordo com Mesquita (2022, p.11), “o desafio é ainda maior para mulheres que realizam tal função sozinhas, sem apoio de um companheiro e um amparo social, no qual o modelo idealizado de família insiste em dizer que é composta por pais, mãe e filhos”.

Estudos recentes realizados por instituições como o grupo Globo e o IBGE revelam que atualmente mais de 48% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, sendo a principal responsável pelo sustento da casa e dos filhos. Esse percentual representa quase o dobro do valor encontrado em 1995, que era de 25% (REDAÇÃO HOMEWORK, 3034).

Tema que será tratado de forma aprofundada no próximo item sobre a história da Mãe Solo no Brasil.

2.1. História da Mãe Solo no Brasil

Desde a época do Brasil Colônia, quando a igreja passou a cuidar da educação, esta era privilégio dos homens, pois não incluía as mulheres, que viviam para o lar e a igreja. A divisão sexual do trabalho atribuiu um patamar inferior ao sexo feminino em termos de representatividade social e a maternidade como característica de feminilidade estereotipada, construindo uma história de desigualdade de gênero. (BORGES, 2020).

Ao longo da história a família passou por muitas transformações. É a instituição mais antiga da organização humana, sobreviveu ao controle que a igreja católica quis exercer sobre ela, bem como aos movimentos anarquistas em 1968. Sendo assim, a família resistiu a grandes transformações, mas não é a mesma da antiguidade, período no qual os criados e parentes eram considerados da família. “Já na idade média, o grupo familiar era composto por um grupo menor, constituído apenas pelo casal e seus filhos. No século XVIII foi idealizado o amor matrimonial, um maior reconhecimento da maternidade e diferenças bem distintas entre homens e mulheres” (CÚNICO; ARPINI, 2014, p.13).

Borges (2020) considera que a sociedade moderna promoveu diferentes visões sobre o papel social da mulher, adquirindo uma liberdade proposta pelo feminismo do final do século XX. Contribuição que faz ruptura com o determinismo e discriminações, provocando a luta por uma atuação igualitária dos papéis parentais na criação dos filhos. Além de serem as únicas responsáveis pelos filhos e terem que conciliar esse papel, muitas vezes com a carreira profissional, as mães solo enfrentam ainda a crítica moral imposta pela família, de seguir a tradição do casamento. Qualquer relação que saia desse padrão é considerada inadequada.

Um modelo muito presente no formato da família é a estrutura patriarcal, centrada na figura paterna que detinha o poder de decisão, sendo ela provedora do sustento do lar e que tomava todas as decisões. O papel da mulher era colocado em segundo plano, ela era procriadora, o indivíduo frágil da família, dentro do lar, que não deveria ter autoestima e nem crítica. Ao sair para o mundo do trabalho, rompeu-se com a tradição do homem provedor e dominador. A mulher passou a ser uma pessoa que falasse sobre suas vontades, tomasse suas decisões, rompendo com os determinismos impostos pela sociedade, moldada nos padrões machistas do patriarcado (GUIMARAES, 2010).

É possível constatar que há várias denominações para o conceito família, podendo ser utilizado até nos campos da Biologia e da Química. No entanto, quando ouvimos a palavra família, já somos retidos a uma ideia presente no imaginário brasileiro, que desde muito cedo foi cunhada em nossa mente, de um modelo ideal ou padrão a ser seguido, o da família tradicional: pai, mãe e filhos, modelo a ser adotado como legítimo (GUIMARÃES, 2010, p.13).

De acordo com Giddens (2010, p.63), " a família tradicional era uma unidade econômica na qual os nobres e aristocráticos tinham no casamento a transferência de propriedades. Entretanto, a família não cabe mais nesse modelo de constituição de agrupamentos de pessoas, ainda que muitas religiões e políticos o defendam, pois vem sofrendo alterações. O modelo tradicional de família afetou a vida de homens e mulheres. A mulher era considerada frágil e vulnerável, sem capacidade intelectual e responsável pelo cuidado da casa e dos filhos. Já o homem era considerado forte, responsável pela renda e pelo controle dos princípios da família (GUIMARAES, 2010).

A função da mulher era a de gerar filhos, considerada por muitos, homens e mulheres, como única forma de realização feminina, acompanhada da responsabilidade do cuidado do lar e de todos os membros da família. Com as novas constituições de família, a sociedade ainda cobra dos corpos femininos a maternidade, pois ainda é vista como algo naturalizado, próprio das mulheres. Segundo Leão *et al*, (2017, p. 2), "historicamente a maternidade foi

representada como ideal máximo da mulher e como elemento agregador necessário para sobrevivência da família. A maternidade e o cuidado com o lar são, ainda hoje, valorizados socialmente como funções femininas inerentes à mulher”.

As mulheres são criadas e condicionadas desde pequenas a seguirem os padrões impostos pela sociedade, mesmo antes de seu nascimento suas condutas já estão preestabelecidas, ou seja, existe uma expectativa para que ela haja conforme tais condutas.

O lugar dos homens e mulheres na estrutura familiar atual ainda se fundamenta em um modelo arcaico, ou seja, “às mulheres cabe o cuidado da prole, aos homens cabe o papel coadjuvante nesses cuidados (COSTA, 2020, p.111).

Beauvoir (1970) afirma que na sociedade machista e patriarcal do início do século XX, Clóvis Bevilacqua insculpiu o Código Civil de 1916, que previa dentre outros dispositivos a exigência da virgindade da mulher no momento do casamento, obrigatoriedade da mulher de acrescentar ao seu nome o sobrenome do marido e até mesmo autorização do marido para trabalhar e herdar.

Segundo a autora, o Brasil possui forte influência da Igreja Católica, que reconhecia o casamento como a única forma de constituição de família, não admitindo o desfazimento do vínculo matrimonial, senão pela morte. Quando a mulher não estava subordinada ao pai ou aos irmãos quando solteira, estava ao marido quando casada, pois, mesmo com o status social que o matrimônio proporcionava, o papel da mulher na sociedade conjugal ainda era de submissão.

A mulher casada é autorizada a viver a expensas do marido; demais, adquire uma dignidade social muito superior à da celibatária. Os costumes estão longe de outorgar a estas possibilidades sexuais idênticas às do homem celibatário; a maternidade, em particular, é-lhe, por assim dizer, proibida, sendo a mãe solteira objeto de escândalo (BEAUVOIR, 1970, p. 176).

O percurso da emancipação feminina perpassa por determinadas alterações legislativas que proporcionaram paulatinamente a ampliação dos direitos civis, sexuais e reprodutivos da mulher, são eles: Estatuto da mulher casada (Lei no 4.121/1962-4.121/1962- que alterou diversos artigos do Código Civil de 1916, retirando a mulher casada das incapacidades e ampliando a sua autonomia em relação ao exercício de seus direitos civis; alterou a obrigatoriedade do acréscimo do sobrenome do marido, passando a poder cursar uma faculdade; possibilitou também a contribuição da mulher nas decisões do interesse comum do casal e dos filhos e no próprio exercício do poder familiar (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019).

Outra lei criada foi a Emenda Constitucional do Divórcio (EC 9/77) e a Lei do Divórcio (Lei 6.515/77) que possibilitaram o rompimento do vínculo matrimonial – que antes

só acontecia com o evento morte – pelo divórcio e revogou o dispositivo do Código Civil de 1916, que previa o regime da comunhão universal como regra em caso de omissão dos cônjuges, elegendo o regime da comunhão parcial; a Constituição Federal de 1988 que instaurou a igualdade entre homem e mulher, reiterou a dissolução do matrimônio pelo divórcio e alargou a proteção que é dada ao casamento passando a abarcar as uniões estáveis e a família monoparental, reconhecendo-as como família.

Famílias chefiadas por mulheres sempre existiram e isso foi constatado pelo IBGE, em 1872, que registrou que 30 % dos lares eram chefiados por mulheres (COSTA; MARRA, 2013). Faz parte da história do Brasil lares constituídos pela chefia feminina, devido às diversas situações. O que ocorria muito no início do século XX era o abandono do marido em busca de melhores empregos e salários em outras regiões do país, deixando para trás mulheres e filhos.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o Brasil tem mais de 11 milhões de mulheres que são as únicas responsáveis pelos cuidados com filhos e filhas. 63% das casas chefiadas por mulheres estão abaixo da linha da pobreza.

Na última década, o país criou algumas normas para garantir o direito das mães solas e seus filhos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no 8.069/1990) estabeleceu diversas garantias e proteções à criança e ao adolescente, prevendo a igualdade de condições para o exercício do poder familiar pelo pai e pela mãe. O Código Civil de 2002 também proporcionou mudanças expressivas no direito das famílias, consagrando novos arranjos familiares, instituindo a chamada pluralidade familiar, respaldada em princípios como a afetividade, dignidade da pessoa, igualdade entre os filhos, solidariedade familiar e igualdade entre os cônjuges.

De acordo com o Art.1 da lei n8.560, de 29 de dezembro de 1992, “O reconhecimento dos filhos havidos fora do Casamento é irrevogável e será feito” (MARIN, 2009). Mais do que, simplesmente, ter o nome do genitor no documento, trata-se de um direito da criança, que garante pensão alimentícia, herança, inclusão em plano de saúde.

De acordo com Lacerda (2022), o número de mães solo no Brasil em 2022 foi o maior observado em cinco anos, segundo informações de cartórios de registro civil, levando em conta os quatro primeiros meses do ano. Somente de janeiro a abril, mais de 56.931 crianças foram registradas sem o nome do pai.

Este foi o resultado mais expressivo em termos absolutos e percentuais desde 2018. Pesa também o fato de que 2022 foi o ano em que o Brasil registrou menos nascimentos para esses meses. Mesmo com a queda no número de partos, houve aumento no total de mulheres que criam filhos e filhas sozinhas. O total de crianças que têm apenas o nome da mãe no registro representa 6,6% de todas as recém-nascidas. Foram 5.754 registros a mais este em relação ao mesmo período em 2018.

A realidade das mães solo, isto é - aquelas cujos filhos foram negligenciados e abandonados de todas as formas pelos pais - é de intensa desigualdade, vulnerabilidade e sobrecarga. Historicamente e socialmente falando, a única forma de constituir família era pelo matrimônio, ou seja, uma mulher só deveria ter filhos se fosse casada. Caso uma mulher viesse a engravidar sem estar casada, era a vergonha da família. (BORGES,2020).

Tema abordado no próximo tópico sobre o preconceito e dificuldades da mãe solo no Brasil atualmente.

2.2. Preconceito e dificuldades da mãe solo no Brasil

Mesmo depois de toda a emancipação feminina e mudanças sociais, todos os afazeres domésticos dentro do lar ainda são considerados responsabilidade do feminino, sendo essas ações de responsabilidade de ambo os sexos. (MARCHI-COSTA 2017). De acordo com as autoras, todo os cuidados com os filhos nem sempre agradam aos pais, deixando essas tarefas exclusivamente para as mães. É entendido que o amor materno é soberano e todo os cuidados e atenção com as crianças são responsabilidade exclusivamente das mães. Os pais nem sempre estão dispostos a assumirem as responsabilidades financeiras e afetivas. Com isso, acabam abandonando seus filhos, física e emocionalmente.

Segundo Babiuk (2015), muitas mulheres focam na atenção aos filhos e trabalho e acabam por abandonar suas próprias vidas, incluindo lazer, cultura. As mães solas, que cuidam de seus filhos sozinhas, é comum que tenha como consequência o estresse em decorrência da sobrecarga dos afazeres, com rotinas exaustivas, por problemas relacionado às questões financeiras e dos momentos de solidão e abandono, comparando sua vida às demais mulheres que são casadas e que têm uma rede de apoio. Em pleno século XXI as condutas e atitudes das mulheres são julgadas. Uma mãe sem envolvimento afetivo com o pai da criança é tratada com preconceito, uma ameaça à estrutura tradicional da família.

São muito problemas enfrentados por mulheres chefes de família, como sobrecarga da dupla jornada de trabalho, medo do futuro dos filhos, a falta de um auxílio de um companheiro, falta de uma rede de apoio e até dificuldade de encontrar um emprego com melhor remuneração. As dificuldades no emprego se devem ao fato de não ter com quem deixar o filho, não encontrar vaga em creche, não conseguir atender solicitações de hora extra no trabalho. Por conta disso, muitas das vezes são demitidas, enfrentando uma linha extrema de pobreza. (CÚNICO; ARPINI, 2014).

Para a autora, a mulher é uma batalhadora, que mesmo o pai não assumindo a sua responsabilidade, a mãe vai à luta, trabalha e cuida do filho. Por outro lado, muitas pessoas ainda possuem um olhar preconceituoso e desvalorizam a mãe. A ausência da figura paterna na criação dos filhos vai contra o modelo de família que é promovido pela sociedade, o que traz frustrações tanto para as mães e os seus filhos. Os filhos sempre estão esperando uma ligação, uma visita, que poucas vezes acontece. Muitas mulheres encontram-se no seu limite físico e emocional, de tanta tarefa a ser realizada. Existe uma carga pesada de responsabilidade com as várias funções que desempenham, com o sentimento de sempre estar em débito com os filhos, por passar o dia todo no trabalho, vivendo o dilema de ficar longe dos filhos para manter a casa e as despesas.

Quando as mulheres estão empregadas, frequentemente são vítimas de várias desigualdades, como restrições a cargo de chefias e diferenças salariais comparadas ao sexo masculino que desempenham a mesma função. A sociedade cobra da mulher "trabalhar como se não tivesse filhos, ser mãe como não trabalhasse fora e essa conta não fecha, pois, a mulher está sempre se cobrando e tem a sensação de que está devendo algo, ou no trabalho ou no cuidado com os filhos" (LIZAUKAS, 2019 p.33).

Segundo Dias (2016), limitações acabam sendo impostas as mulheres com acentuada conotação discriminatória, pois não são exigidas dos homens e, se tratando dos filhos, muitas vezes, é desconsiderada a liberdade da mulher. É feita uma avaliação comportamental de adequação da mulher a determinados papéis sociais femininos, feita uma confusão entre a vida sexual da mulher e sua capacidade de ser boa mãe, não considerando aspectos afetivos.

Em relação a ausência do pai é notável os sentimentos como angústia, tristeza e, depois, superação. Há um forte desejo de que a figura paterna fosse mais presente, pois é de grande importância, gerando problemas em questões afetivas e emocionais.

Ter uma rede de apoio faz toda a diferença para a mulher crescer em sua profissão. Sobre o afastamento do serviço por cuidar dos filhos, muitos empregadores não têm compreensão. Devido ao mundo do trabalho competitivo e as cobranças, tais mulheres vivem o dilema e a pressão de cuidarem dos filhos. Quando estes precisam de sua presença e elas necessitam se ausentar do serviço por um tempo, muitas vezes têm os seus empregos ameaçados, as mulheres ainda sofrem pelas diferenças salariais simplesmente por serem mulheres e, ao se tornarem mães, essas diferenças aumentam ainda mais. (CÚNICO; ARPINI, 2014).

Existe também a crença de que ser mãe é a maior dádiva do mundo e esse pensamento retira das mães o direito de se sentirem cansadas, quando uma mãe reclama ela é imediatamente repreendida, não se pode estar cansada de ser mãe. As pessoas não entendem que estar cansada não significa que não amam os seus filhos, significa apenas que sentem o peso da responsabilidade. A cobrança sobre a mãe é infinita. Se trabalha fora ou se fica em casa, se ao sair leva os filhos ou se deixa com a babá, quanto tempo andou, com quem falou etc. Tudo é responsabilidade e cobrança sobre a mãe. Nenhuma dessas cobranças são feitas ao pai (MESQUITA, 2022).

Para Borges (2020) a sobrecarga materna é naturalizada pela sociedade. As mães têm que cuidar dos filhos, alimentar, ensinar as tarefas escolares, levar ao médico etc. Por sua vez, também naturalizam questões como o abandono paterno ou a omissão do pai em relação ao trabalho de cuidado, ocorrendo a disparidade de gênero nesse ponto. Se por um lado a mãe solo vem sofrendo historicamente com o preconceito por não estar inserida em uma relação conjugal, atendendo aos padrões impostos pela sociedade, de outro o abandono paterno parece ser natural.

Apesar da Lei de Alimentos e o Código Civil de 2002 reforçarem a ideia da obrigatoriedade de prestação dos alimentos entre pais e filhos, não se pode deixar de observar a necessidade de partilha dos demais aspectos. A educação e criação dos filhos que, no caso das mães solo, acaba representando a concentração dessas responsabilidades na figura da mulher. Nesse sentido, explica Dias (2016, p. 160):

A obrigação parental não é somente o pagamento de alimentos. Há um leque de encargos que não se mensuram monetariamente. Mas nenhuma consequência é imposta a quem descumpre os deveres inerentes ao poder familiar. Separado o casal, o pai, na maioria dos casos, nem ao menos divide os deveres de criação e educação do filho, pois raramente reconhece sua responsabilidade de acompanhar o seu desenvolvimento. De forma frequente, não exerce sequer a obrigação de visitas. Os danos afetivos que decorrem dessa omissão não estão previstos como indenizáveis, mas a justiça vem, ainda que timidamente, impondo o pagamento.

De acordo com Dias (2016), o exercício da paternidade não se resume apenas e tão somente à “contribuição material” decorrente da prestação dos alimentos ou o exercício da convivência paterna limitada aos parquinhos dos shoppings aos finais de semana.

Em 2012, o Superior Tribunal de Justiça reconheceu o cuidado como valor jurídico integrante do ordenamento jurídico brasileiro não de forma expressa, mais implícito no art. 227 da Constituição Federal, com o julgamento do Recurso Especial nº 1.159.242/SP14 que versava sobre reparação civil por abandono afetivo e material.

Segundo Maia (2021), é importante destacar a “romantização” do empreendedorismo materno, tendo em vista que o alto índice de desemprego faz com que as mães se lancem no mercado como empreendedoras não porque sonham abrir uma empresa, mas por necessidade de reinserção no mercado após a maternidade.

Uma revisão realizada por Parke (1996) apontou que mulheres que contaram com a participação do companheiro durante o parto relataram menor dor, receberam menos medicação e tiveram uma experiência mais positiva do que aquelas que não foram acompanhadas. Após o nascimento, também se constatou que os pais que participaram do pré-natal e do parto de suas mulheres se tornaram mais envolvidos nos cuidados diários do bebê, despendendo maior tempo de sua presença em casa, o que veio a beneficiar não só os pais, como as mães e, obviamente, seus filhos.

Em relação ao parto, o trabalho revelou que essa experiência parece ter sido mais sofrida para as mães solteiras do que para as casadas e que os relatos das solteiras se mostraram mais carregados de ansiedade, sofrimento, temores de morte e desamparo, comparados aos relatos das casadas. Além disso, a experiência do parto parece ter sido mais difícil entre as mães solteiras, registrando-se maior incidência de complicações de parto e de somatizações, tais como arritmia, alteração do pulso e até hemorragia. Estes dados apoiam as ideias de Soifer (1992), segundo as quais o parto é um momento individual crítico, em que a falta de apoio social pode levar a maiores dificuldades, sejam estas físicas ou emocionais. (DIAS, 2016, p. 59).

Diante do cenário, mães solas ainda sofrem preconceito e são julgadas, sem contar as dificuldades que sofrem no emprego, com frequentes problemas quando precisam se ausentar. As mães solas são mulheres de grandes responsabilidades em educar e cuidar de seus filhos, enfrentando dias longos de trabalho e, ao chegarem em casa no fim do dia, ainda precisam ter fôlego para as outras jornadas, de dona de casa e de mãe. Diante dessa realidade, muitas optam por deixar de lado a vida amorosa, por não encontrarem tempo (DIAS, 2016).

2.3. Vivências e experiências das mães solo

Mães solo frequentemente encaram a responsabilidade integral de tomar decisões cruciais para seus filhos, abrangendo desde questões financeiras até escolhas educacionais e de saúde. Essa carga pode ser desafiadora e exaustiva. Para Roslaine Pinheiro (2023)¹, cuidar sozinha da filha torna a rotina cansativa. Ela compartilha que já se sentiu desamparada, enfrentando crises de choro e desespero.

Cleovanir da Silva (2023)² afirma que nunca imaginou que se tornaria uma mãe solo, assumindo a responsabilidade de criar os filhos sozinha e desempenhar os papéis de pai e mãe simultaneamente. Essa realidade está sobrecarregando-a cada vez mais. Para Rayssa Gabriela Rodrigues Ferreira (2023)³, sua rotina é desafiadora como mãe solo. Sua jornada começa às 8h, envolve cuidados matinais para sua filha, trabalha em estágio das 11h às 17h e tem aulas noturnas na universidade. Após isso, ela busca seu irmão e cunhada, cuida de sua filha e reserva tempo para estudar e se preparar para o próximo dia, indo dormir por volta da meia-noite e meia.

Ao abordar a sobrecarga materna, a psicóloga Sabrinne de Camargo⁴ destaca uma preocupação crescente com o estresse enfrentado pelas mães, muitas vezes resultando em condições como o Burnout, ansiedade e depressão. Estas são patologias comuns que as mães podem desenvolver devido à intensa carga emocional, física e mental associada à criação dos filhos e outras responsabilidades familiares.

A importância crucial da rede de apoio é ressaltada por Sabrinne. Ter um sistema de suporte é essencial para ajudar as mães a enfrentar os desafios diários, proporcionando não apenas interrupção prática, mas também suporte emocional.

Infelizmente, o preconceito contra mães solas persiste em algumas sociedades, influenciado por crenças culturais e valores tradicionais. Cleovanir Silva compartilha suas experiências, destacando a exclusão por amigas casadas e até mesmo em relacionamentos amorosos. De acordo com Dominic Aline⁵, há o preconceito enfrentado em entrevistas de emprego, que questionam com quem deixará sua filha. Essas narrativas refletem a necessidade de combater estigmas e promover a igualdade para mães solas.

¹ Entrevista transcrita do documentário Mãe solteira não, mãe solo (2023).

² Entrevista transcrita do documentário Mãe solteira não, mãe solo (2023).

³ Entrevista transcrita do documentário Mãe solteira não, mãe solo (2023).

⁴ Entrevista transcrita do documentário Mãe solteira não, mãe solo (2023).

⁵ Entrevista transcrita do documentário Mãe solteira não, mãe solo (2023).

Apesar dos desafios e preconceitos enfrentados, muitas mães demonstram uma incrível força e resiliência para superar as adversidades. Cleovanir Silva fala sobre a importância de manter a determinação e encorajou outras mães apenas a perseverarem, acreditando que também podem superar seus desafios. A força de vontade e a fé em Deus são apresentadas como fundamentais para vencer as adversidades. A personagem compartilha seu próprio esforço, destacando com orgulho o enfrentamento de desafios sozinha, enquanto reserva a intervenção divina como uma parte significativa de sua conquista. Sua história é um testemunho de resiliência, autoconfiança e gratidão pela jornada percorrida.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Cintia Da Silva Ribeiro

Durante a execução deste trabalho acadêmico, deparei-me com uma série de desafios que impactaram diretamente o processo de pesquisa e produção.

Inicialmente, enfrentei um desafio relacionado ao estilo de escrita acadêmica. Além disso, ao discutir a maternidade solo, que envolve ser mãe sem a presença de um parceiro, é crucial reconhecer a sensibilidade e a complexidade do assunto, especialmente para mim, que também sou mãe solo. Historicamente, a sociedade estigmatizou e marginalizou mães solas, o que dificultou uma discussão aberta sobre o tema.

Outra dificuldade foi a limitação de recursos financeiros, resultando na falta de equipamentos adequados para a realização das filmagens. Devido à ausência de equipamento apropriado, fui obrigada a recorrer a empréstimos de dispositivos de terceiros, como celulares, gerando inconveniências tanto para mim quanto para os emprestadores. Além disso, a aquisição de equipamentos de iluminação, como luzes de LED, representou um ônus financeiro.

A obtenção de microfones de lapela também se mostrou desafiadora, uma vez que os dispositivos adquiridos por mim não captavam o som de maneira eficiente.

A falta de recursos financeiros me limitou na compra de livros, forçando-me a depender de versões em PDF para a pesquisa bibliográfica. Além disso, enfrentei o desafio de conciliar obrigações acadêmicas com as demandas familiares, incluindo cuidados com meus filhos, a casa, o trabalho e um estágio não remunerado.

Essas pressões resultaram em momentos de exaustão, com apenas três horas de sono por várias noites. Essas circunstâncias também afetaram minha saúde física e emocional, levando a um aumento de peso de 8 quilos, devido à ansiedade, à falta de tempo para praticar exercícios e noites mal dormidas.

A busca por fontes de pesquisa e entrevistas também provou ser um desafio, exigindo viagens para locais distantes e a realização de entrevistas noturnas, pois poucas pessoas desejam falar e expor suas vidas em um tema como esse.

A constante preocupação com a qualidade das filmagens e a gestão do tempo para a escrita do trabalho em conjunto também geraram um considerável estresse para mim.

As limitações tecnológicas, incluindo um computador instável que ocasionalmente comprometia o trabalho acadêmico, acrescentaram mais complexidade ao processo.

Agravando a situação, a saúde de membros da equipe, como a minha colega de TCC e meu filho, tornou o processo ainda mais desafiador.

A etapa de edição do documentário apresentou desafios significativos devido às limitações de recursos e problemas técnicos. Nossos dispositivos, especialmente o celular e a unidade de armazenamento, frequentemente ficavam sem espaço, o que dificultava a transferência e organização do material bruto. Além disso, o material gravado muitas vezes apresentava má configuração e ruídos indesejados, exigindo um esforço adicional na pós-produção para melhorar a qualidade do áudio e vídeo. Esta tarefa foi particularmente complexa devido à falta de ferramentas profissionais de edição e ao uso de softwares em um computador não ideal para essa finalidade.

Outro desafio durante a edição foi a perda de alguns materiais, devido a problemas de armazenamento e falhas nos dispositivos, o que nos forçou a selecionar cenas em que a qualidade da fonte não era a desejada.

Estes obstáculos na etapa de edição do documentário refletem as adversidades enfrentadas ao longo de todo o processo, desde a pesquisa até a produção final.

Apesar de todas as dificuldades, conseguimos superar estes desafios com determinação e trabalho árduo, destacando o comprometimento de ambas e aplicando tudo o que aprendemos ao longo do curso, tanto na parte escrita quanto na técnica.

Nosso compromisso em superar esses desafios nos permitiu concluir o projeto, apesar das inúmeras dificuldades encontradas.

Lara Eduarda Silveira dos Santos

Ao longo do desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso e na produção do documentário, enfrentei uma série de desafios importantes.

A tentativa de conciliar os compromissos diários com a escrita do primeiro capítulo do TCC gerou pressão, levando a uma crise de ansiedade. Equilibrar os estudos na universidade, as demandas do trabalho e as conclusões da pesquisa se tornaram uma fonte constante de tensão.

Os desafios financeiros impactaram diretamente a aquisição dos recursos necessários, como um celular de qualidade e equipamentos de gravação. Isso resultou em longas jornadas de trabalho, gerando exaustão física e mental devido à falta de descanso adequado.

Minha saúde foi afetada, refletida pela ansiedade, estresse, gerando perda de peso e agravamento de problemas de saúde já existentes. A sobrecarga proveniente da rotina intensa e do estágio contribuiu para essa situação.

A busca por fontes de pesquisa e entrevistas exigiu várias tentativas de contato e a realização de entrevistas noturnas. Isso dificultou a obtenção de informações devido à relutância das pessoas em compartilhar suas experiências pessoais.

A preocupação com a qualidade das filmagens, a gestão do tempo e problemas técnicos, como perda de material devido a falhas nos dispositivos, agravou o quadro de estresse. A etapa de edição do documentário também enfrentou desafios, incluindo limitações de recursos e problemas técnicos, como falta de espaço nos dispositivos e limitações com configurações, dificultando a produção do filme.

Mesmo diante das adversidades emocionais, problemas de saúde, pressões no estágio e a necessidade de equilibrar múltiplas responsabilidades, mantive o foco e a determinação. A minha persistência em dar voz e espaço para as mães que batalham incansavelmente por seus filhos foi minha principal motivação. Além disso, o exemplo da minha avó, que criou 7 filhos sozinha após ficar viúva, me declarou que não há limites para o que podemos realizar. Esse legado de força e superação permanece como uma inspiração constante em minha jornada.

O suporte incondicional da minha mãe, apesar da distância, foi um pilar fundamental em toda a minha trajetória. Sua presença e encorajamento constante foram como uma luz nos momentos mais desafiadores, proporcionando conforto e direção em cada obstáculo superado. Ela personifica a força e a resiliência que sempre admirei, inspirando-me a persistir, mesmo nos momentos mais difíceis

Nos períodos mais desafiadores e complexos, entrego este filme com uma sensibilidade profunda em relação ao tema. Cada adversidade enfrentada durante o processo foi superada pela determinação, e cada passo dado representa uma vitória, motivo de orgulho e gratidão pelo aprendizado. Estou plenamente consciente do papel transformador do jornalismo, concedendo voz aos desprivilegiados na sociedade. Entrego este trabalho com imenso orgulho, honrando a profissão que escolhi, consciente do seu impacto e responsabilidade em amplificar vozes que muitas vezes são silenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do documentário Mãe Solteira não. Mãe solo! Possibilitou uma abordagem mais ampla de um tema crucial e relevante na sociedade contemporânea. Mesmo em formato cinematográfico, o conteúdo oferece uma contribuição significativa para uma reflexão crítica sobre a realidade enfrentada pelas mães que assumem a responsabilidade exclusiva na criação de seus filhos.

O documentário permite que o público desenvolva uma empatia mais profunda em relação às mães solo. Ele humaniza essas mulheres e ajuda a enxergar os desafios que enfrentam em suas vidas diárias. A produção de um documentário envolve a aprendizagem de habilidades técnicas, como filmagem, edição e montagem, fornecendo conhecimentos práticos valiosos em produção audiovisual.

O TCC em formato de documentário sobre mães solas não apenas fornece um estudo aprofundado sobre o assunto, mas também pode gerar um impacto significativo, oferecendo lições valiosas sobre empatia, resiliência, consciência social e poder da narrativa visual.

REFERÊNCIAS

ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário brasileiro: Evolução da linguagem**. São Paulo: Arte, 1999.

AMADO, Guilherme. **Novo documentário de Eduardo Escorel sobre ditadura divulga primeiro trailer**. Metrópoles, 2023. Disponível em : <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/novo-documentario-de-eduardo-escorel-sobre-ditadura-divulga-primeiro-trailer?amp>. Acesso em: 22 abr. 2023.

BABIUK, Graciele Alves. **Famílias monoparentais femininas**, políticas públicas em gênero e raça e serviço social. Florianópolis, 2015. Disponível em: https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/05/Eixo_3_269.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2008.

BEZERRA, Lucila. **Documentário denuncia danos causados por usinas eólicas em Pernambuco**. Brasil de Fato, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefatoe.com.br/2023/04/14/documentario-denuncia-danos-causados-por-usinas-eolicas-em-pernambuco>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BORGES, Liza. **Mãe solteira não. Mãe solo!** Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. Revista Direito e sociedade. Salvador – Bahia, 2020.

SILVA, Karoline Guimarães; CASSIANO, Kátia Kelvis; CORDEIRO, Douglas Faria. **Mãe solo, feminismo e Instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados**. Intercom Região Centro-Oeste. Goiânia – GO, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1197/o/2019-Intercom-CO-Silva_CasianoCordeiro.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.

CALDAS, Cordina. **Desemprego, medo e sobrecarga: realidade de mães solo na pandemia**. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/01/desemprego-medo-e-sobrecarga-a-realidade-de-maes-solo-na-pandemia>. Acesso em: 26 de ma 2023.

COSTA, Macedo. **Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção**. Revista: Brasileira de Psicodrama, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/prisc/Downloads/Artigo%20Famílias%20brasileiras%20chefiadas%20por%20mulheres%20pobres%20e%20monoparentalidade%20feminina%20risco%20e%20protecao.p>. Acesso em 20 mar. 2023.

COSTA, Florença Ávila de Oliveira; MARRA, Marlene Magnabosco. **Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção**. Revista

Brasileira de Psicodrama, 2013. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932013000100011
 Acesso em: 21 jun. 2023.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. **Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família**, 2014. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100004
 Acesso em: 02 jun. 2023.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformações do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das Famílias [livro eletrônico]. 4a ed.** Revista dos Tribunais. São Paulo, 2016.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Amazonas, p. 79 a 91, 2006.

GORTÁZAR, Naiara. **João de Deus, cura e crime: série do Globoplay retrata o fenômeno em torno do curandeiro brasileiro**. El País, 2021. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-09-17/joao-de-deus-cura-e-crime-documentario-analisa-carreira-do-medim-e-sua-descida-ao-inferno.html>. Acesso em: 26 de abr. 2023.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4o ed. Rio Grande do Sul: Artmed, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. 7a ed. Rio de Janeiro, 2010.

GUIMARÃES. **Mãe Solo, feminismo e Instagram: Análise descritiva utilizando numeração de dados**. XXI Congresso de ciências da comunicação na região Centro-Oeste. Goiânia-Goiás. 2010.

LACERDA, Nara. **Cartórios registram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos**. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

LIZAUKAS, Rita. **Ser mãe é padecer na internet. Trabalhar como se não tivesse filhos, ser mãe como se não trabalhasse fora**, 2019. Disponível em:
<https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/trabalhar-como-se-nao-tivesse-filhos-ser-mae-como-se-nao-trabalhasse-fora/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MAIA, Luiza. **Empreendedorismo: porque devemos valorizar negócios tocados por mulheres**. Veja Rio, 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/empreeendedorismo-mulheres-valorizar-negocios-rio/amp/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MARCHI-COSTA, Maria Ivone. **Homoparentalidade e gênero: vivência cotidiana e relações familiares**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e da

Saúde da PUC de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20538> Acesso em: 21 jun. 2023.

MARIN, Ângela Helena et. al. **Expectativas e sentimentos de mães solteiras sobre a experiência do parto**, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000100006. Acesso em: 21 abr. 2023.

MESQUITA, Júlio Filho. **Família Monoparental feminina: Desafios de ser mãe solo**. Faculdade de Ciências e letras. Araraquara- SP, 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

Parke, **Fathers' involvement: infancy and beyond**. Em: **R. D. Parke (Org.), Fatherhood: myths and realities** (p. 44-72). EUA: Harvard University Press, 1996.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário**. História de identidade, tecnologia. Lisboa, Edições, Cosmo, 2003.

POSSA, Julia. **Documentário da morte de Marielle Franco está em duas plataformas**. Uol, 2023. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/documentario-da-morte-de-marielle-franco-esta-em-duas-plataformas-confira/amp/>. Acesso em 23 de abril. 2023.

PUCCINI, Sérgio. **O Roteiro de documentário**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RAMOS, Pessoa Fernão. **O que é documentário?** Unicamp, Porto Alegre, 2008.

REDAÇÃO HOMEWORK. **48% dos lares brasileiros tem mulheres como chefes de família**. Matéria portal Terra, 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/amp/economia/dinheiro-em-dia/48-dos-lares-brasileiros-tem-mulheres-como-chefes-de-familia,e47ac91413d122f61f51b9b859a1d8c7audwnzz8.html>. Acesso em 22 de mai. 2023.

REDAÇÃO CULTURA CARTA CAMPINAS. **Documentário “Quando Falta o ar, de Ana e Helena Petta, narra a história de luta de profissionais do SUS**. Carta Campinas, 2023. Disponível em: <https://cartacampinas.com.br/2023/02/documentario-quando-falta-o-ar-de-ana-e-helena-petta-narra-a-historia-de-luta-das-profissionais-do-sus/amp/>. Acesso em: 23 de abril. 2023.

REDAÇÃO CULTURA UOL **Mulheres da floresta Amazônica ganham documentário inédito na TV cultura**. 2022. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2022/06/22/4121_mulheres-da-floresta-amazonica-ganham-documentario-inedito-na-tv-cultura.html. Acesso em 27 abr. 2023.

RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre documentário brasileiro**. CES Revista, V.24, Juiz De Fora- MG, 2010.

RODRIGUES, Léo. **Estudo revela tamanho da desigualdade de gênero no mercado de trabalho**. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>

[/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes?amp](#). Acesso: 16 de jun. 2023.

ROSENTHAL, Alan. **New challenges for documentary**. Los Angeles, London, University of California Press, Berkeley, 1988.

SALES, Pedro. **1968- Um documentário de Eduardo Escorel sobre ditadura divulga primeiro trailer**. Metrôpoles, 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/novo-documentario-de-eduardo-escorel-sobre-ditadura-divulga-primeiro-trailer?amp>. Acesso em 23 de abri. 2023.

TOMAZ Renata. **Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão**. Galáxia, n. 29, p. 155-166, São Paulo 2015.

APÊNDICE I
ROTEIRO

IMAGENS	ÁUDIO
<p style="text-align: center;">Cena 1 – Legenda: Roslaine Pinheiro da Costa Souza- Auxiliar de escritório</p> <p>Vídeo 8533- Tempo :0,0 a 0,21 segundos</p> <p>Vídeo 8531 - Tempo :0,4 a 0,40 segundos</p> <p style="text-align: center;">Legenda: Raissa Gabriela Rodrigues Ferreira- Estudante universitária</p> <p>Vídeo 7572 -Tempo :1,09 a 1,15 segundos</p> <p>Vídeo 7572- Tempo :1,18 a 1,23</p>	<p style="text-align: center;">“Já abri mão de sonhos, de empregos, de estudos e já abri mão de financeiros e já abri mão de psicológico também.”</p> <p style="text-align: center;">“Já me senti desamparada! Já me sentir só, mesmo tendo apoio dos meus pais. Mesmo tendo a rede de apoio deles, mas eu acho que quando você entra para dentro da sua casa é uma realidade totalmente diferente de quando você tem um casamento uma família estruturada e quando de repente você não tem mais nada daquilo. É só você e o seu filho, então já tive minhas crises de choro meu desamparo é isso não é fácil! ”</p> <p style="text-align: center;">“A principal coisa que as pessoas vêm em uma mãe solo é julgar ninguém pensa em te ajudar, ninguém te oferece a mão”</p> <p style="text-align: center;">“As pessoas só te falam você não vai dar conta. E isso que você fez e a escolha mais errada da sua vida”</p> <p style="text-align: center;">“É uma coisa muito dolorosa de escutar, porque ninguém sabe o que você está passando as coisas que você faz, o que você sofre, dói em você, na hora de falar as pessoas tipo “ A estou só comentando”, mas não é um comentário. ”</p>

<p>segundos</p> <p>Vídeo 7571- Tempo 0,20 a 1,15 segundos</p> <p>Legenda: Dominic Aline Estudante universitária</p> <p>Vídeo 8016 Tempo:0,33 a 1,10 segundos</p> <p>Legenda: Cleovanir da Silva, diarista</p> <p>Vídeo 7962 – tempo: 0,19 a 0,33 segundos</p>	<p>“O preconceito que a gente sofre por ser mãe solo é muito além do que as pessoas olharem para você e falar “Nossa você é tão nova, acabou com a sua vida né, você nunca mais irá arrumar um namorado”. ”</p> <p>“Desde quando eu descobri que eu estava grávida as dificuldades já começaram. Porque apesar da gente está casado, não foi uma gravidez planejada. Digamos assim ele desde sempre falou que eu obriguei ele a ser pai, então já começou as dificuldades na gravidez, e aí o caos se instalou junto com o pós-parto. Mas aí quando ela tinha seis meses ele literalmente fez minhas malas e me pôs para fora de casa. Eu só recebi as fotos das malas no meu WhatsApp e aí desde então eu voltei para casa dos meus pais e onde eu estou até hoje. ”</p> <p>“Eu nunca imaginei que ia ser mãe solo, criar meus filhos só. Ser pai e mãe ao mesmo tempo, nunca passou pela minha cabeça, mas aconteceu. ”</p> <p>[Música Instrumental]</p>
---	--

<p>Cena 2 -Legenda: Santiago Freire- Advogado</p> <p>Vídeo: 0461- Tempo 1,05 s a 1,24 segundos</p> <p>Vídeo: 0461- Tempo 1,28 a 1,43 segundos</p>	<p>“O termo mãe solo se refere as mulheres que são responsáveis exclusivamente pelo sustento dos filhos, criação, parte financeira, abrigo sustento emocional. Enfim é aquela mãe que assume exclusivamente a criação dos filhos e a responsabilidade da família. ”</p> <p>“O termo mãe solteira foi abolido porque a denominação solteira tem a ver com estado civil de uma pessoa: casado, solteiro, divorciado, viúvo, e aqui a relação não tem nada a ver com estado civil de alguém. O termo correto é mãe solo. ”</p> <p>[Música Instrumental]</p>
<p>Cena 3 Legenda: Sabrinne de Camargo, psicóloga</p> <p>Vídeo 7825- Tempo: 0,7 a 0,31 segundos</p> <p>(Usar cena de cobertura vídeo 8031 -troca de afeto entre mãe e filha- mãe Solo Dominic Tempo 0,6 a 0,23 s)</p>	<p>“Temos a mãe solo desde aquela que realmente o pai não tem vínculo nenhum, contato nenhum com a criança ou as vezes até mesmo aquele que até tem um contato de 15 em 15 dias, um feriado, alguma coisa neste sentido. E ainda tem aquela outra categoria que as vezes ele só arca com algumas questões financeiras, mas mesmo assim esse lado afetivo vai ficando de lado. ”</p>
<p>Cena 4 – Roslaine Pinheiro</p> <p>Vídeo: 8521- tempo 00, a 0,15 segundos</p>	<p>“Eu conheci o pai da minha filha eu tinha 17 anos, a gente se casou eu tinha 18, tivemos um relacionamento de 10 anos, nós relacionamento era estável, eu engravidei após oito anos de relacionamento. ”</p> <p>“O motivo da nossa separação foi uma traição e não teve como prosseguir o relacionamento. ”</p>

<p>Vídeo 8524- tempo 00 a 0,12 segundos</p> <p>Vídeo 8520- tempo: 0,2 a 0,9 segundos</p>	<p>“Eu tenho uma filha o nome dela é Sofia, eu fui mãe com 26 anos. ”</p>
<p>Cena 5 – Entrevista Dominic Aline</p> <p>Vídeo 8014- tempo:0,2 a 0,35 segundos</p> <p>Vídeo 8016-tempo:00 a 0,12 segundos</p> <p>Vídeo 8030- tempo:0,4 a 0,35 segundos</p>	<p>“A minha filha tem quatro anos e o nome dela é Nicole. Eu conheci o pai dela na igreja e a gente começou a orar, para namorar “ Naquela época tinha um tal de escolhido, esperar” oramos e começamos a namorar e após dois anos que estávamos namorando a gente casou e aí com quatro anos de casados. Ela veio e a gente se separou quando ela tinha seis meses. ”</p> <p>“Minha família no geral ficou todo mundo feliz, uma criança a caminho. Meu pai acho que foi o que ficou mais preocupado, pelo menos na hora da notícia foi o que menos esboçou reação. ”</p> <p>“Eu acordo cedo levo ela para escola, volto para casa tomo banho, vou para o estágio. Saio do estágio busco ela na escola, deixo ela aqui que graças a Deus eu tenho minha mãe. Minha mãe olha ela para ir para faculdade, vou para faculdade e volto às 10h30 da noite e geralmente eu chego aí ela está acordada me esperando, dou banho nela, tomo banho e aí a gente vai dormir. No outro dia é tudo igual, essa é a minha rotina. ”</p>
<p>Cena 6 – Entrevista Raissa Gabriela</p> <p>Vídeo 0497 – Tempo: 1,44 a 1,47 segundos</p> <p>Vídeo 0497- Tempo: 1,51 a 1,55</p>	<p>“A gente se conheceu na faculdade, quando eu ainda estava no primeiro período. ”</p> <p>“A gente ficou junto por quase um ano foi na época da pandemia. ”</p>

segundos	
<p>Cena 7 - Entrevista : Cleovanir da Silva</p> <p>Vídeo 7956- tempo - 0,12 a 0,16 segundos</p> <p>Vídeo 7985- tempo- 0,4 a 0,35 segundos (cena de cobertura)</p> <p>Vídeo 7957- tempo- 0,5 0,25 segundos</p>	<p>“Eu sou mãe de três filhos e tenho quatro netos”</p> <p>“Vou apresentar meus filhos para vocês, aqui é a Cíntia tem 36 anos, aí vem o Cleyton Fagner tem 33 e a Brenda que é a mais nova que tem 23 anos, aí tem mais uma foto que vou mostrar para vocês, eles comigo meus filhos e eu! Aí tem meus netos. ”</p> <p>“Eu fui mãe da Minha primeira filha com 18 anos e do meu segundo foi um homem fui mãe com 22, e minha filha mais nova fui mãe com 31 anos.”</p>
<p>Cena 8 – Entrevista Raissa Gabriela</p> <p>Video 0497- Tempo: 0,2 a 1,40 Segundos</p> <p>(colocar cena de apoio)</p> <p>Vídeo 0488- tempo- 00 a 1,08 s na cozinha (filha e mãe)</p>	<p>“Minha rotina começa às 8h00 da manhã eu acordo um pouco antes dela para poder preparar o café da manhã ou arrumar alguma coisa que tem aqui arrumar, limpar a casa essas coisas.</p> <p>Mesmo que quando ela esteja acordada eu ainda faço algumas coisas com ela para incluir ela nessa rotina. É eu prefiro acordar um pouco antes para não ficar tão sobrecarregada tudo em cima da hora. Eu saio para o estágio mais ou menos às 10h30, depois de acordar tomar banho trocar fralda arrumar as coisas dela para ela ficar na Cuidadora, então às 10h30 sai de casa e vou na Cuidadora, e vou para o estágio, eu entro às 11h00 e fico até as 5h00 da tarde. As 5h00 da tarde eu saio busco na Cuidadora venho para casa, a minha aula começa às 7h00 então eu costumo sair de casa às 7h00 porque que Às 7h00 que a minha mãe consegue chegar para ficar com ela para eu ir para faculdade. Então quando a minha mãe chega eu vou para a faculdade. Após isso minha faculdade termina às 9:45 hs eu saio e busco meu irmão e minha cunhada e deixo eu na casa dela venho para casa, então eu chego em casa por volta das 10 e</p>

	<p>meia da noite. Aí a gente brincar um pouco e depois dela brincar ainda faço ela dormir e depois que ela dorme ainda vou tomar banho estudar, o que tiver que estudar e fazer atividade que tiver que fazer e arrumar as coisas para o outro dia. E vou dormir por volta da meia-noite meia.”</p>
<p>Cena 9 – Entrevista com a Sabrinne Camargo</p> <p>Vídeo 7825- tempo:0,31 a 1,22 segundos</p>	<p>“Quando a gente fala de mãe uma coisa que acompanha muito é justamente a culpa, basicamente a mãe se sentir muito culpada, muitas vezes por questões do seu filho, tudo que acontece com essa criança a mãe se sente extremamente responsável pela aquela criança então vem com isso muita sobrecarga, porque fora os cuidados com a rotina, com uma casa, então está com essa demanda. Vamos dizer assim o tempo todo cuidado com essa criança, leva para escola, atividades extras, o cuidado em tempo integral e o cuidado como disse anteriormente com as rotinas de casa e a sua própria vida pessoal e trabalho sem dúvidas que a sobrecarga. O estresse é uma grande questão que há gente tem na maternidade solo. ”</p>
<p>Cena 10 – Entrevista Roslaine Pinheiro</p> <p>Vídeo 8529- tempo: 0,2 a 0,30 segundos</p> <p>Vídeo 8529 -tempo 0,36 a 0,57 segundos</p>	<p>“Eu acordo às 7h00 da manhã, me arrumo, arrumo minha filha, levo ela para casa da minha mãe e de lá vou trabalhar. Na hora do meu almoço no no horário do meio dia há uma hora eu vou para a casa dela porque eu trabalho bem perto, bem pertinho eu arrumo minha filha do almoço levo ela para escola. Eu tenho que correr e voltar para dar tempo de chegar antes da uma hora. ”</p> <p>“Trabalho até as 6 hs meu pai buscar ela às 5 hs na escola, eu saio do trabalho tenho que correr pegar ela, porque meu pai tem que trabalhar depois das 6h00. Venho para casa, tenho uma rotina com ela de casa, cuidar dela, dar atenção, fazer comida. Ser mãe, mãe e dona de casa. ”</p>

<p>(Colocar cena de cobertura vídeo 8540 mãe e filha saindo do quarto e indo para sala e mostrando os brinquedos” – 45 segundos)</p>	
<p>Cena 11 - Entrevista Sabrinne Vídeo 7827- tempo: 00 a 0,52 segundos</p>	<p>“Falando ainda da sobrecarga materna o que nós vemos muito hoje em dia esse estresse que as vezes a mãe tem, que é o vinculado até mesmo o que chamamos de Burnout que é uma patologia que tem, e que é muito comum as mães desenvolverem, não só a Burnout como ansiedade, depressão. Então um fator muito importante é a rede de apoio. Realmente é avós, amigos, familiares e até mesmo a que tem uma condição de ter uma babar, alguma algum Cuidadora pra que ela auxilie e consiga ter a sua qualidade de vida, ter um momento para si, para que ela consiga restabelecer um pouco melhor a sua saúde também. ”</p>
<p>Cena 12 – Entrevista Cleovanir Vídeo 7965 tempo-0,2 a 1,17 segundos</p> <p>(Colocar cena de apoio -Vídeo 7950 -tempo 0,0 a 0,18 segundos)</p>	<p>“Eu tive muita dificuldade de criar meus filhos, quando ficava doente não tinha um carro para levar no hospital, tinha que esperar amanhecer o dia para levar no médico. Trabalhava na casa dos outros, a patroa não entendia que eu tinha um filho doente, não tinha condição de comprar um remédio. Já passei muita dificuldade! Deixar filho sozinho em casa para poder trabalhar. Pedi para algum vizinho olhar mas tem que pagar, e o vizinho não olha direito, abre a porta na hora que quisesse. Jogava a chave no quintal da pessoa que estava cuidando do meu filho. Foi muito difícil para mim, mas graças adeus eu venci. Está tudo criado! Eu me sinto assim as vezes, que eu as vezes, eu fico pensando que eu não fui uma boa mãe, as vezes eu acho que eu fui. Porque muitas vezes eu tirei da minha boca para poder Dar para eles. Às vezes ficava sem comer para poder deixar para eles! ”</p>

<p>Cena 13 -Dominic Aline</p> <p>Vídeo 8022 tempo- 00 a 1,10 segundos</p> <p>(Cena de cobertura vídeo 8025 – criança chora ao brinquedo cair no pé - tempo 12 segundos.)</p>	<p>“Quando a gente se separou ele ficou com tudo: casa, móveis, carro, tudo tudo. Inclusive até hoje quase quatro anos de separação eu ainda não recebi a metade dos meus bens e a gente segue na justiça. E enquanto ele não foi citado no processo do divórcio que foi um pouco antes da pandemia em janeiro em 2020. O ano de 2020 todinho ele não foi citado no processo foi o ano que ele não iria ser preso para pagar a pensão. Foi o ano que ele não pagou nadinha, na época era só eu mesma trabalhando e tudo e me virando com ajuda dos meus pais para poder educar ela e sustentar e tudo. A partir do momento que ele foi citado aí sim, ele começou a contribuir com que o juiz tinha passado previamente, que na época foi R\$300 e depois que saiu a sentença a um ano atrás aumentou para R\$480, que assim que dissesse de passagem R\$480 não dá muita coisa no Brasil, mas! ”</p>
<p>Cena 14 – Santiago Freire</p> <p>Vídeo 0461 – tempo: 2,56 a 4,02 segundos</p>	<p>“A pensão alimentícia é o valor em dinheiro a ser fixado pelo juiz que vai ser uma projeção dos custos, dos gastos daquele filho, incluindo: Educação, alimentação, moradia, vestuário, saúde. A gente sabe que na prática nem sempre ou na grande maioria dos casos esta pensão vai ser suficiente para garantir o sustento daquele menor. Mas o objetivo é este, que a pensão alimentícia seja o suficiente para custear a vida e o sustento daquela criança, daquele adolescente. A pensão alimentícia quando ela não é paga espontaneamente pelo genitor, aquele que tiver aguarda que geralmente é a genitora deve procurar um advogado para ingressar com ação judicial. O juiz vai fazer a fixação, esse alimento vai ser estabelecido desde quando solicitado, podendo ser ainda fixado ainda na gestação. A mulher grávida já pode e deve receber alimentos durante a gestação. ”</p>

<p>Vídeo 0462 - tempo: 0,59 a 1,27 segundos.</p>	<p>“O juiz deve analisar caso a caso, não tem nenhuma tabela nenhum valor prefixado para a pensão alimentícia. O juiz deve fixar, está muito estabelecido na lei baseado no binômio.</p>
<p>Cena 15 – Entrevista Dominic Vídeo 8018- Tempo 1,23 a 1,36 segundos.</p>	<p>“Já teve vezes de ele passou mais meses sem ver ela, segundo ele era para me castigar, para eu não viver, não sair, para eu não fazer nada, que era pra eu ficar 100% com ela, como se ela fosse um farto um peso para mim.”</p>
<p>Cena 16 – Santiago Freire Vídeo 0462- tempo 5,27 a 6,10 segundos</p> <p>Vídeo 0465- tempo 00 a 0,15 segundos</p>	<p>“O abandono afetivo é outra situação, é aquele genitor que até paga a pensão em dia, mas não comparece no ponto de vista afetivo: Não busca os filhos nos seus finais de semana, não leva para passear, não vai no dia dos pais em reunião na escola. É aquele pai, o genitor que no ponto de vista financeiro até esta comparecendo, mas no ponto de vista afetivo não. Quanto a estes, a mãe que tiver interesse ou genitor quando for o contrário, poderá ingressar com ação judicial por indenização por danos morais afetivos, onde o menor irá receber uma pecúnia, dinheiro, indenização, no objetivo de tentar suprir essa falta de afetividade. ”</p> <p>“ O cenário ideal é que pai e mãe entre em acordo e que essas visitas, essa participação do pai na vida do filho seja negociada dependendo da disponibilidade de cada um. ”</p>
<p>Cena 17 – Entrevista Raissa Gabriela Vídeo 0506 -Tempo 1,34 a 2,05 segundos</p>	<p>“Às vezes eu me permito sair fim de semana e a principal coisa que eu escuto e “ nossa com quem está a sua filha? ” Ou quando posto uma foto arrumada “nossa você está indo a onde como se fosse uma responsabilidade única e mútua da mulher. Porque ela tem que</p>

	cuidar e dar suporte único que ela precisa. ”
<p>Cena 18 – Dominic Aline</p> <p>Vídeo 8027 – Tempo:0,16 a 0,59 segundos</p>	<p>“Tipo as pessoas não querem se relacionar com uma mãe solo. Às vezes algum amigo me chama para fazer alguma coisa, e fica aquele impasse, eu falo: Gente eu sou mãe, eu preciso ir com a minha filha!!Ou que tenha brinquedoteca para ela ir e que seja legal para todo mundo. Ou então eu não vou né!! Vão sem mim!! E entrevista de emprego fiz, e fica “ a você é mãe e tal, é assim então! “ Mãe solo, quem te ajuda com a criança?“ “Com quem a criança fica pra você poder trabalhar? “ tem muitas questões aí, que ficam bem mais pesadas quando você é mãe né! -Minha filha! ”</p>
<p>Cena 19– Entrevista Cleovanir Da Silva</p> <p>Vídeo 7972- tempo 0,2 a 0,28 segundos</p> <p>Vídeo 7973- Tempo 0,2 a 0,18 segundos</p>	<p>“Preconceito eu já sofri demais, muito das próprias amigas que eram casadas. Porque eu tinha filho e não tinha marido, aí tipo assim fui excluída né! Então esse preconceito não foi uma vez, duas foram várias pessoas. ”</p> <p>“Já tive namorado, porque eu tinha filho já teve preconceito e desistiu de mim porque ficou sabendo que eu tinha filho. ”</p>
<p>Cena 20 – Raissa Gabriela</p> <p>Vídeo 7572 -Tempo 0,2 a 0,55 segundos</p>	<p>“O pai dela sempre namorou desde quando eu estava grávida dela, ele namorava e eu nunca escutei ninguém falando isso para ele “ ai por que você está namorando, você já tem filha“ Não durante um ano eu não saia de casa, o pai dela estava em festa todo final de semana e eu nunca escutei ninguém ia falar nada para ele do tipo nossa com quem está a sua filha? Eu lembro até hoje de uma das primeiras vezes que eu sai com ela depois que eu estava um pouco melhor, Só para sair de casa mesmo e uma mulher me olhava de uma maneira como se eu estivesse cometendo um crime por ser nova e ter uma filha é estar cuidando dela, e eu lembro que ela comentou alguma coisa com o cara que estava com ela, não sei se era o esposo “ tipo</p>

	olha que menina sem noção”.
<p>Cena 21 – Roslaine Pinheiro</p> <p>Vídeo 8536 – Tempo 00 a 0,34 segundos</p>	<p>“Hoje eu tenho orgulho de mim por tudo que eu passei nesses seis meses de separação, porque ele tentou me manipular de uma certa forma em relação a nossa filha e eu sei que ele não seria uma boa pessoa para mim! Hoje eu tenho meu trabalho eu consigo criar minha filha, eu sei que eu não preciso de ninguém me humilhando e eu sei que eu dou conta de criar ela. Eu sou uma boa mãe! Eu tenho orgulho de mim!”</p>
<p>Cena 22 – Raissa Gabriela</p> <p>Vídeo 7566- tempo :0,4 a 0,39 segundos</p>	<p>“Ninguém pensa em se tornar mãe solo, mas eu acho que principalmente hoje com o apoio que eu tenho da minha família, eu nunca me diminuir ia para caber em um local que eu vejo que não é o meu local e nem o da minha filha. Não é uma coisa fácil e nenhuma decisão tranquila, nos dias mais difíceis você cogita “ Será que realmente eu vou dar conta” e alguma coisa irá dar certo, mas eu tenho para mim que um dia tem que ser vivido de cada vez. ”</p>
<p>Cena 23 – Cleovanir da Silva</p> <p>Vídeo 7979 -Tempo – 0,29 a 0,55 segundos (cena com cobertura)</p>	<p>“Sinto que eu venci uma guerra, nem foi uma batalha, uma guerra nunca imaginei passar por tudo que eu já passei, estar aqui viva, em pé e lutando ainda com muita vontade de viver!”</p> <p>(Colocar trilha sonora)</p>
<p>Cena 24 – Cleovanir da Silva</p> <p>Vídeo 7976 – Tempo: 0,0 a 0,28 segundos</p>	<p>“O que eu falo para as mães solas de hoje que estão começando agora, que elas não desanimem, que elas lutem, que elas vão vencer, eu venci! Elas vão vencer também! Com muita força de vontade e fé em Deus, Deus dando saúde e coragem para trabalhar você vence. Porque eu fico olhando assim para mim hoje: Eu fico assim, gente foi eu que fiz isso tudo sozinha e Deus. ”</p>
Cena 25 – Cenas de apoio para a	Criança a brincar com o carrinho (Filha)

<p>finalização do documentário.</p> <p>Vídeo 0510- tempo 00 a 0,12 segundos</p> <p>Vídeo 8034- tempo 00 a 0,25 segundos</p> <p>Vídeo 8538 – tempo 00 a 0,23 segundos</p>	<p>da Raissa).</p> <p>Mãe e filha brincando de maquiagem (Dominic e filha).</p> <p>Criança pulando e dançando em cima da cama (filha da Roslaine).</p>
<p>Créditos finais</p>	<p>Direção, Produção, Roteiro, Imagens Cintia da Silva Ribeiro Lara Eduarda</p> <p>Montagem Daniel Bernardoni</p> <p>Entrevistadas Raissa Gabriela Rodrigues Ferreira, Dominic Aline Pereira, Roslaine Pinheiro da Costa Souza, Cleovanir da Silva, Sabrinne de Camargo Assunção, Santiago Rodrigues Oliveira Freire</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p>Escola de Direito, Negócios e Comunicação</p> <p>Curso de Jornalismo</p> <p>Orientação Profa. Dra. Eliani Covem</p>

APÊNDICE II

AUTORIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO

As alunas, Cíntia Silva Ribeiro, e Lara Eduarda Silveira dos Santos, concluintes do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2023, autorizam a reprodução por parte da Universidade da obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1304-1 Setor Universitário
Cidade Postal 06 CEP 74605-410
Goiânia - Goiás - Brasil
Fone: (62) 3246.3001 ou 3209 (Fax: 342)
3246.3000
www.pucgoias.edu.br | proreitoria@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante Cíntia da Silva Ribeiro, do curso de Jornalismo, matrícula 2020.1.0127.0002-9, telefone: (62) 992883619 e-mail:cintiaribeiroilva@gmail, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Mãe Solteira não. Mãe Solo!", gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 24 de novembro de 2023.

Assinatura do autor:

Nome completo do autor: Cíntia da Silva Ribeiro

Assinatura do professor-orientador:



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 06 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodim@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante Lara Eduarda Silveira dos Santos, do curso de Jornalismo, matrícula 20201012700282, telefone: (62)992398706, e-mail laraeduarda2056@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “ Mae Solteira não. Mãe solo!”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Video (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 24 de novembro de 2023.

Assinatura do autor:

Lara Eduarda Silveira Dos Santos

Nome completo do autor: Lara Eduarda Silveira dos Santos

Assinatura do professor-orientador:

Elisani de S. Costa Oliveira